

ENTREVISTA DE SARA GÓMEZ A MARGUERITE DURAS (CUBA, 1967)¹

RENATA MASINI HEIN²



1 Tradução da entrevista concedida por Sara Gómez a Marguerite Duras, disponível na íntegra em: YERO, Olga García. *Sara Gómez: un cine diferente*. Havana: Ediciones ICAIC, 2017, p. 276-284. Agradecemos imensamente à autora e a Ediciones ICAIC pela cessão sem custos do texto.

2 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine-UFF).

MARGUERITE DURAS Nos países capitalistas, os jovens, desde a infância, estão submetidos a um certo *dooping* carreirista: ser o primeiro da classe para ser o mais famoso, o mais rico, o mais livre. O termo *percer*, ou seja, romper com a massa e superá-la sozinho é o único ideal. O que aconteceu aqui em Cuba com o carreirismo, com todo o espírito de competição? Na situação atual, já é possível dizer o que o substituirá?

SARA GÓMEZ É necessário considerar que todas as perguntas do seu questionário partem de premissas que sou obrigada a aceitar antes de responder, o que me deixa um pouco desconfortável.

Você me pergunta “O que aconteceu aqui...?”. Eu diria que aqui, no terreno do indivíduo, nada aconteceu, mas está acontecendo, e acontecendo por meio de uma longa e dolorosa “dissolução”, para falar em termos cinematográficos. Acredito que, embora as mudanças revolucionárias na base econômica sejam provocadas “por corte”, esse não é o caso na escala dos valores éticos individuais. O carreirismo e o espírito de competição estão aqui presentes, e isso não me preocupa muito.

O que sim eu acredito é que a mudança básica na estrutura tende a canalizar esse sentimento individualista para uma função social e, de fato, a transformar tal sentimento. Uma criança cubana quer estar na vanguarda, ou seja, ser a melhor de sua classe, e isso só pode ser alcançado por meio de um estudo sério e consciente; pela honestidade em seus exames; pela participação em seminários e cursos especiais e pela conquista do direito de ser um aluno “monitor” (guia, assistente) da matéria que mais lhe interessa. Isso cria um desenvolvimento intelectual comprometido com uma verdadeira vocação. Você conhece nosso sistema pedagógico atual?

O adolescente ou o jovem quer ser “vanguarda”, “militante”, para o que deve ser estudioso e trabalhador; participar ativamente de atividades esportivas, culturais e agrícolas, e necessariamente ser reconhecido como tal pela massa – é a massa que lhe concede o direito de “superá-la”, se é que posso usar aqui seus termos. Essa massa constantemente põe à prova sua honestidade; em assembleia se discute seu direito de “militar”, de ser um quadro político, administrativo e artístico, e essa massa logo será formada por homens que foram meninos melhores, jovens melhores. Pessoalmente sou otimista, mas acho que tive experiências que me justificam. Acredito nos bolsistas de escolas de arte, esportes, tecnologia e idiomas. Acredito nessa geração de alunos secundaristas que, todo ano, por 45 dias, longe de suas casas, compartilham teto e comida, enquanto fazem trabalho agrícola ao lado de homens que nunca viram, dos quais não tinham nenhuma consciência objetiva e palpável de que existiam. E se eu sentisse alguma preocupação com aqueles homens que não foram meninos melhores, confio na influência recíproca desse contato direto com a juventude; confio nos conflitos que logicamente surgirão, no triunfo do melhor de cada um e na impotência daqueles que não têm a qualidade

para melhorar a si mesmos. Isso significa que não há oportunistas, pessoas medíocres e acomodadas? Não, eles estão aqui, entre nós mesmos. Dentro de mim é possível que habite uma oportunista, uma medíocre, alguém que aspira a ser acomodada, mas isso não é sério porquanto estejamos dispostos para lutar contra esses elementos fora e dentro de nós. E o que sim posso te assegurar é que este não é um país de conformistas: confio, antes de mais nada, em um desses jovens conflituosos em cada sala de aula, em cada fábrica, aquele que faz a pergunta que ninguém nunca fez; que exige uma resposta e que faz os outros pensarem.

MARGUERITE DURAS O bem-estar pessoal é o único bem-estar nas sociedades capitalistas. O único desejo das famílias burguesas é desfrutar dos bens que adquiriram com seu lucro; é reunir-se com sua família e amigos em uma casa de campo. Depois disso, só começa a desesperança. Você poderia dizer o que substituirá esse bem-estar – um bem-estar pacífico que é como um pesadelo –, que é considerado o mais comum?

SARA GÓMEZ Esse bem-estar pacífico, que de fato deve ser um pesadelo, deixou de ser um ideal, talvez porque não seja mais uma possibilidade. Estamos muito comprometidos para podermos estar pacíficos. O fato de sermos um povo “acelerado” e de estarmos com “pressa” é evidente. Todos temos urgências, a urgência de nossos problemas econômicos coletivos; a urgência de nossos problemas políticos e militares – temos um inimigo, o reconhecemos, o enfrentamos e temos pressa para liquidá-lo; a urgência de nos expressarmos agora, imediatamente, de nos afirmarmos. Estamos desesperadamente comprometidos em meio a uma verdadeira compulsão de trabalho, de luta, de entrega; além disso, acreditamos, acreditamos com uma agressividade que, embora nos encoraje, nunca nos acalma, mas nos excita e nos projeta uns sobre os outros. Acredite em mim, não vivi um único dia sem ser tomada por um estado de júbilo, de verdadeira e autêntica celebração interior e, às vezes, por motivos tão estranhos ao seu mundo, como, por exemplo, por um triunfo de nossa equipe esportiva em um evento internacional.

Ou, não sei, outras vezes aconteceu que, em um ônibus, no consultório de uma policlínica, conheci uma mulher. Alguém que me contou suas preocupações, seus problemas domésticos e eu entendi, contei-lhe coisas sobre mim, fomos amigas, conversamos carinhosamente por duas horas. E isso é maravilhoso. Nunca mais nos encontraremos, ou sim, não importa. Não sei seu nome; não conheço sua casa, mas eu a amo; eu a entendo e isso me deixa feliz. Talvez você entenda que todo esse discurso sobre comunicabilidade não responde à sua pergunta, mas parece-me que lhe dei meu novo conceito de bem-estar, de felicidade, que é logicamente subjetivo, com base em minha personalidade, que é raivosamente extrovertida. Mas há algo sintomático – nunca me senti sozinha por muito tempo e sem me envergonhar depois.

MARGUERITE DURAS Uma mutação está ocorrendo aqui. Qual é a maior dificuldade nessa mutação, quero dizer, do ponto de vista do indivíduo, de sua vida interior?

SARA GÓMEZ Acredito na mutação que você apontou e muitas vezes pensei sobre isso. No meu caso pessoal e de muitos outros que conheço, a maior dificuldade ocorre na ética doméstica, nas regras de convivência no lar. Há coisas que aceitamos de antemão por meio de um processo intelectual e que depois produzem uma contradição emocional séria e terrível. Sei muito bem o que quero fazer comigo mesma, o que preciso fazer comigo mesma, com minha vida. Entretanto, quase sempre hesito, hesito a ponto de me desesperar, e cheguei a acreditar que era impotente diante de minha própria inércia. Não me sinto capaz de fazer nada, de romper com eles, com aqueles que se oporiam por causa de seus valores antigos; eles são meus pais, minha avó, meus afetos e eles vão sofrer; poderiam morrer e eu me sinto responsável; preciso deles de certa forma. Somos um país que herdou uma tradição familiar espanhola e estamos permeados de preconceitos, não é fácil, é trágico. É curioso que isso aconteça no contexto de uma família revolucionária; no caso de parentes contrarrevolucionários, isso se torna mais fácil. Por exemplo, não tenho problemas com meu pai; ele partiu como exilado político para os Estados Unidos e de fato desapareceu. As diferenças são muito sérias, decisivas, entende? O problema está deste lado da linha divisória. Em um caso extremo de guerra, minha mãe estará ao meu lado com seu rifle, mas é em tempos normais, em tempos de paz, em tempos de trabalho, que a convivência se torna angustiante. Há coisas que ela não entende, que não tem por que ter aprendido a entender, e que eu devo lhe explicar. E, quando falo de minha mãe, estou falando de toda uma geração de homens e mulheres de 45 anos, que são militantes e até lideram organizações de massa, mas que acreditam nos mitos da sociedade burguesa anterior. Eles pretendem fazer de nós uma série de damas virgens, decentes, elegantes e refinadas, “damas de moral impecável”, e homens sérios, cavalheiros e formais, “homens discretos, respeitosos e serenos que sabem manter as aparências”. Eles exercem uma influência tão possessiva sobre nós que o rompimento é sempre violento e doloroso para ambos. E o mais dramático é que isso acontece por causa de uma revolução que todos nós estamos dispostos a defender.

MARGUERITE DURAS A projeção do homem, do “seu” em bens materiais; pelo que será substituído esse vício fundamental do homem que leva à sua ruína? Será nesse ponto que ocorrerá a maior modificação do “eu” aqui? Ao diminuir seus atributos, o “eu” será preservado de seu sofrimento ou não? Os suicídios entre os fracassados da sociedade, o que significa isso aqui? Então não restaria nada além do que poderíamos chamar de suicídio puro e metafísico?

SARA GÓMEZ Para responder a essa pergunta, muito do que foi dito nas respostas 1 e 2 é útil. Além disso, poderemos analisar fatos específicos, pois não me sinto capaz de especular sobre nada. Recentemente, meu marido

e eu notamos que nossa filha de dois anos não tinha desenvolvido um senso de propriedade privada. Ela frequenta um círculo infantil desde os 45 dias de idade, no qual, durante 10 horas por dia, compartilha os alimentos, as roupas, os brinquedos, uma televisão e a atenção direta de uma equipe com várias crianças. Essa observação foi uma verdadeira surpresa para nós, mas minha filha não distingue “sua bola” de uma bola, “sua cadeira” de uma cadeira, “seu prato” de um prato. Tudo isso me fez pensar em minha experiência de trabalho na Isla de Pinos, onde ouvi falar de “minha fazenda”, “meu albergue”, “meu estábulo” e houve até quem falasse de “sua ilha”. Na Isla de Pinos, a ilha da juventude, eles estão criando, do nada, um lugar habitável; estão construindo, estão plantando; são os únicos responsáveis por essa ilha e, de fato, são os donos dela. Será que está ocorrendo uma transformação no sentido da propriedade sem que necessariamente ela tenha sido perdida? Não sei, é possível. Eu não entendo muito bem desse problema e também confesso que tenho um senso possessivo de propriedade sobre certas coisas que às vezes me alivia e compensa. Mas me ocorre que tendemos a achar que somos donos de tudo aquilo de que participamos; que somos parte integrante, ajudando na sua criação. Talvez esse novo e mais amplo senso de propriedade nos impeça de nos entregarmos à posse mesquinha de um novo e importante traje de baile para esta noite. Me faça entender? Agora, não é ridículo um sofrimento por falta de tributo pessoal que nos faz sentir que fracassamos a ponto de nos suicidarmos? Eu tenho uma resistência tenaz a aceitar o fracasso, de fato, não gosto da palavra; e quanto ao suicídio puro e metafísico, não entendo, não acredito nele. Todos nós possuímos e somos possuídos aqui, mesmo aqueles que não sabem disso ou não quiseram saber. Você não acha isso lindo?

218

MARGUERITE DURAS No mundo capitalista, a célula familiar é algo que acalma diante de um universo inscrito e sem alegria que é a única coisa que se oferece. E aqui? É nesse ponto que ocorre a maior modificação do “eu”? Ter filhos para que eles possam ser rapidamente liberados de sua tutela é desanimador para alguns? Ou é o contrário?

SARA GÓMEZ Bem, sabemos o que acontece com a família; seus valores foram ofuscados por outros. Minha família representa uma minoria, até quantitativamente, considerável, em comparação com os outros, todos com os quais me deparo e não me relaciono, eu escolhi. Além disso, você está enganada. Minha filha não foi liberada da minha tutela, pelo contrário. Tomei consciência de que minha responsabilidade para com ela determina que devo contribuir para que ela viva em um mundo melhor. Estou cumprindo meu dever social, que é cumprir meu dever biológico.

MARGUERITE DURAS A concepção segundo a qual a criança deve necessariamente entrar em conflito com seus pais para ocupar seu lugar no mundo... Até que ponto você acha que isso está aqui?

SARA GÓMEZ Desta vez, não entramos em conflito com nossos pais para ocupar o lugar deles no mundo, mas outro lugar no mundo e, além disso, outro lugar em outro mundo. Um mundo exatamente oposto àquele mundo que os levou ao desespero e à violência.

MARGUERITE DURAS Em que se transformam os atributos funcionais das mulheres em Cuba? Parece que a mulher funcional está a caminho de desaparecer. O comportamento das mulheres parece menos feminino do que na Europa. Isso é uma ilusão?

SARA GÓMEZ Parece que não entendi sua pergunta, mas, se você estiver se referindo aos atributos funcionais que tornam as mulheres responsáveis pela procriação, parece-me que eles não mudaram, mas foram enriquecidos. Agora somos, cada vez menos, um objeto gentil, estético, estático, sexual e passivo. A revolução confrontou a todos nós com a responsabilidade de nossa inteligência, de nosso compromisso como seres pensantes. No caso das mulheres, isso se manifesta ao nos proporcionar uma segurança; um tipo de autossuficiência que não possuíamos antes. Portanto, quando nos doamos, somos capazes de exigir. Estamos mais conscientes do que nunca do valor exato do que damos e refletimos isso em nosso comportamento com um novo senso de liberdade que, em minha opinião, traz frescor, charme e espontaneidade às nossas relações.

MARGUERITE DURAS A solidão inalienável do homem, para o melhor e o pior (ou seja, para o melhor, a arte, e para o pior, o suicídio), mudou seu significado?

SARA GÓMEZ Sim, ela mudou de significado. Toda a nossa vida, nosso trabalho estão dentro do que você chama de “solidão inalienável” para o melhor, ou seja, nossa vida, nossos atos, nosso trabalho não pertencem a ninguém. Estamos sozinhos diante de nossa própria consciência histórica, o que nos torna totalmente responsáveis e, portanto, desapareceu o motivo da alienação. Nosso trabalho é criativo. Vivemos para criar e para criar algo que nos pertencerá além do tempo, além de qualquer possibilidade de angústia existencial, como a arte. Está claro?

MARGUERITE DURAS Atualmente, o trabalho está em perfeita coincidência com a consciência revolucionária. O que acontecerá quando ocorrer a mecanização dos meios de produção? Qual será a ocupação do homem?

SARA GÓMEZ Sua pergunta me pegou de surpresa e confesso que não posso respondê-la. Já lhe contei muito, já falei muito, estou exausta. Tentei ser honesta; não podia fazer outra coisa. Mas agora quero acrescentar algo a

essa pergunta: o problema que você levantou não é meu. Não sei se foi Fanon, mas alguém disse que cada geração é obrigada a resolver seus próprios problemas, e o problema da troca do homem pela máquina não está dentro do meu período de tempo, mas vou lhe dizer que gostaria que esse problema fosse colocado para mim; e ainda mais porque isso implicaria que os outros, os que estão sendo colocados para mim agora, estariam resolvidos. Embora eu goste destes tempos, sinto um verdadeiro orgulho geracional. Tenho certeza de nossa transcendência histórica e lhe garanto que sou feliz, feliz por viver aqui e agora. Você me falou do caráter absurdo, ou inútil, não me lembro, da vida... Não sei o que você quis dizer exatamente, mas não entendo. Acredite que não a entendo. E, se você acredita em tudo isso, justifica a minha perplexidade diante de sua obra, diante de seu cinema. Espero sinceramente que você me perdoe por esse último ponto, pois tenho muita boa vontade com você também, acredite, é só que eu simplesmente não consigo compreendê-la.